

Angra muda o ensino com criatividade

■ Professores e pais de alunos alteram os métodos e sistemas de avaliação das aulas

LUCIANA NUNES LEAL

ANGRA DOS REIS (RJ)
— A letra da música *Asa Branca* escrita no quadro negro da sala da turma 401, na Escola Municipal Deputado Câmara Torres, em Angra dos Reis, a 155 quilômetros do Rio, é o primeiro sinal de que ali há uma pequena revolução educacional.

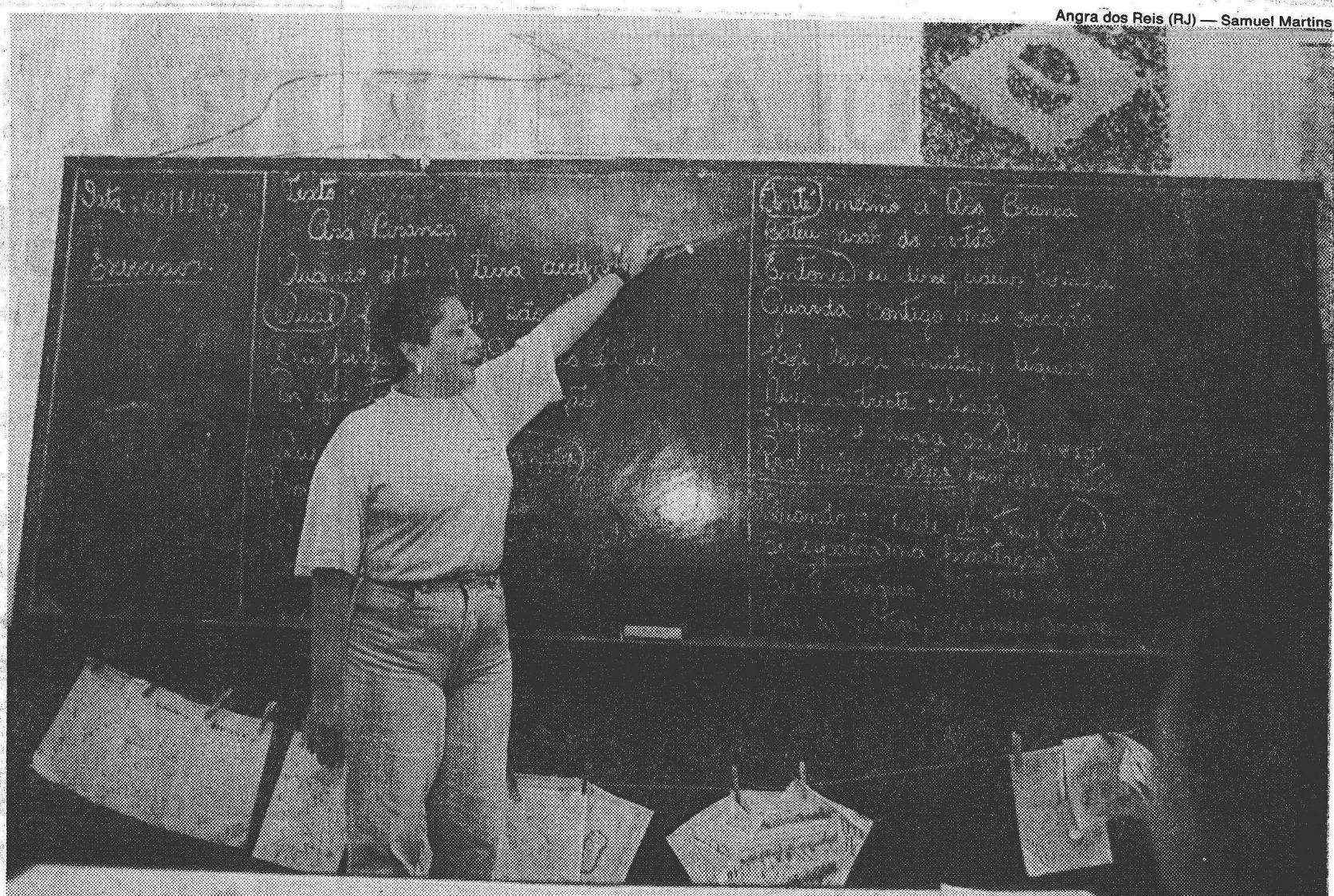
Em um dia de aula, lendo e relembrando o baião de Humberto Teixeira e Luís Gonzaga, os alunos vão aprender, ao mesmo tempo, Português, Matemática, Ciências e Estudos Sociais. O caderno é um só para todas as matérias, que não têm ordem para entrar em pauta. Assim, ao se deparar com um "pra mim voltar", os alunos aprendem que o certo é "pra eu voltar", além de várias novidades sobre pronomes e orações. Quando chegam à palavra léguia, descobrem que é a mesma coisa que 6 mil metros e já têm uma lição de área e distância. Discutem ainda a seca, a migração e para que serve a água.

Sem-terra — "Os alunos não têm que aprender primeiro Matemática, depois Português, com hora marcada. Até o tema dos sem-terra saiu da leitura da música", diz a professora Shirley do Rosário Miguel, idealizadora da aula da *Asa Branca*. Shirley conseguiu resumir o princípio que tem orientado a nova política educacional de Angra dos Reis, cidade de 140 mil habitantes e 16 mil alunos na rede pública de ensino.

Em 11 das 54 escolas municipais foram abolidos os horários fixos para cada matéria e os planos de aula. As professoras escolhem temas que interessam às crianças e, a partir deles, ensinam desde singular e plural até multiplicação e divisão. Aos poucos, o objetivo de manter os alunos interessados começa a ser alcançado. O índice de repetência baixou, em sete anos, de 40% para 25%.

É uma boa notícia para um país onde, descobriu-se esta semana, o aproveitamento dos alunos está muito abaixo do esperado. Pesquisa feita pelo Ministério da Educação, com 9.500 alunos, concluiu que 35% dos que estão no 1º grau ficaram abaixo da média em Matemática e 32% em Português. A Secretaria de Avaliação e Informação Educacional do MEC chegou a classificar de "trágico" o 2º grau.

Nas escolas municipais de Angra, que optaram por novos métodos de ensino, silêncio em sala de aula é só na hora do dever. Os alunos são incentivados a discutir todos os temas e não ter vergonha de perguntar. O sistema de avaliação não exige mais provas bimestrais. Foram substituídas por conceitos — satisfatório, parcialmente satisfatório e não atingido — dados pelos professores e pelas próprias crianças. "Começamos a diluir as fronteiras entre uma disciplina e outra e fizemos uma reorientação curricular. Entram no programa as escolas cujos diretores quiseram. Começamos com seis, agora são 11", diz a professora Raquel Benatti, secretária municipal de Educa-



Para a professora Shirley do Rosário, do colégio Câmara Torres, os alunos não têm que aprender Português ou Matemática com hora marcada

ção de Angra dos Reis.

Luxo — A Escola Deputado Câmara Torres é um dos exemplos do sucesso do sistema que, como se diz no jargão educacional, é baseado em temas geradores. Funciona assim: depois de uma conversa com alunos, pais, moradores do bairro, são escolhidos os temas que serão abordados naquele ano letivo. Transporte, trabalho, moradia, organização social, saúde, educação e lazer são os assuntos de 1996, na escola simples de 154 alunos que fica dentro do luxuosíssimo condomínio de Portogalo. A maioria dos alunos é formada por filhos de caixeiros, jardineiros e empregadas domésticas das mansões.

"Apesar do sistema de ensino ser uma alternativa ao que se usa

normalmente nas escolas, os alunos estarão preparados para enfrentar qualquer prova tradicional no futuro, de um concurso, por exemplo", diz a coordenadora do programa de ensino da escola de Portogalo, Sônia Vilela de Sousa.

Para ensinar aos alunos da 1ª série noções sobre alimentos e matéria-prima, a professora Deise Meira Gomes, da turma 102, chamou a cozinheira da escola. Os alunos lembraram o que comem na sopa, daí descobriram o que são os legumes e verduras, passearam pela horta e, dali, já começaram a ouvir falar em produtos industrializados.

Em Angra, a Secretaria de Educação trabalha em convênio com a Universidade Federal Fluminense, que organiza duas vezes por ano a capacitação — nome moderno para

reciclagem — dos professores. Para os do pré-escolar — antiga classe de alfabetização — há um programa especial, com orientação de pesquisadores da UFF duas vezes por mês. "Quando vimos que o sistema tradicional não estava adiantando, partimos para novas idéias. O processo é lento, porque muda a formação do professor, mas o resultado é que o aluno quer ficar na escola", resume a secretária Raquel Benati.

Caminhador — Outra inovação bem sucedida, para alunos da 5ª à 8ª séries, está em andamento na Escola Municipal Benedito dos Santos Barbosa, no bairro de Monsuaba. É o Projeto Aluno Caminhador. Existe uma sala para cada matéria — Álgebra, Geometria, Produção de Texto, Estudo de Tex-

to, Ciências, História e Geografia — e os alunos passam de uma para a outra, conforme o horário.

"Assim, quebra-se a monotonia de ter sempre a mesma sala de aula. A escola em si é meio monótona. Cada vez que passa de uma aula para outra, o aluno tem um intervalo", diz a diretora Vanda Lúcia Irineu, que trabalha no colégio desde o primeiro ano do projeto, 1992. Hoje, na escola, funciona até uma rádio, a Repique, orgulho de alunos e professores.

Os progressos no colégio de Monsuaba também já estão registrados em números. Há quatro anos, havia 14 alunos em dependência, ou seja, que tinham passado de ano, mas estavam devendo matérias da série anterior. Este ano, há apenas três.